

PANDEMIA E DISCURSO JORNALÍSTICO
PELO DIGITAL: ENTRE ISOLAMENTO
SOCIAL/FÍSICO E DISTANCIAMENTO
SOCIAL/FÍSICO

3

PANDEMIC AND DIGITAL JOURNALISTIC
DISCOURSE: BETWEEN ISOLAMENTO
SOCIAL / FÍSICO AND DISTANCIAMENTO
SOCIAL / FÍSICO

BRITO, VINÍCIUS

DOUTORANDO EM LINGUÍSTICA PELO IEL - UNICAMP
MESTRE EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL PELO IEL - UNICAMP
E-MAIL: VINICIUSDEBRITO94@GMAIL.COM
ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-5567-6284](https://orcid.org/0000-0001-5567-6284)

FERRAGUT, GUILHERME

DOUTORANDO EM LINGUÍSTICA PELO IEL - UNICAMP
MESTRE EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL PELO IEL - UNICAMP
E-MAIL: GUILHERMEFERRAGUT85@GMAIL.COM
ORCID ID: 0000-0002-3567-0835

LOSNAK, GIULIA

MESTRANDA EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL PELO IEL - UNICAMP
E-MAIL: LOSNAKG@GMAIL.COM
ORCID ID: 0000-0002-1179-5051

PAULA, INÁCIO DOS SANTOS DE.

MESTRANDO EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL PELO IEL - UNICAMP
E-MAIL: INACIOANTONIODEPAULA@GMAIL.COM
ORCID ID: 0000-0002-8500-5913

DIAS, CRISTIANE

DOUTORA EM LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PESQUISADORA NO LABEURB - NUDECRI / UNICAMP
E-MAIL: CRISDIAS.UNICAMP@GMAIL.COM
ORCID ID: 000-0001-5711-5288

RESUMO:

Este artigo lê a pandemia de Covid-19, doença do novo coronavírus, como acontecimento discursivo, que estrutura o dizer e domina discursividades, na metaforização de sentidos. Pelo dispositivo

da Análise de Discurso, o objetivo do trabalho é analisar formulações do discurso jornalístico com os sintagmas nominais *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico*, situando o sujeito e os desdobramentos históricos que (re)significam as relações sociais pelo digital na pandemia. A análise mostra, a partir de um corpus constituído de materiais publicados de 1990 a 2020 no site do jornal *Folha de São Paulo*, um dos principais no Brasil, que o acontecimento da pandemia, no encontro do inter e do intradiscurso, domina sentidos, entre a paráfrase e o efeito metafórico na língua, significando a relação do sujeito pelo/com o digital.

Palavras-chave: pandemia de Covid-19; discurso jornalístico pelo digital; Análise de Discurso; isolamento social/físico; distanciamento social/físico.

ABSTRACT:

This article reads the Covid-19 pandemic, a disease of the new coronavirus, as a discursive event, which structures the saying and dominates discursivities, in the metaphorization of meanings. Through the Discourse Analysis device, the objectives are to analyze formulations of journalistic discourse with noun phrases *isolamento social*, *isolamento físico*, *distanciamento social* e *distanciamento físico*, placing the subject and the historical developments that (re) signify social relations by digital in the pandemic. The analysis shows, based on the corpus, with materials published from 1990 to 2020 on the website of the newspaper *Folha de São Paulo*, one of the main ones in Brazil, that the pandemic event, due to the inter and intradiscourse meeting, dominates meanings, between the paraphrase and the metaphorical effect in the language, meaning the relation of the subject by / with the digital.

Keywords: Covid-19 pandemic; digital journalistic discourse; Discourse Analysis; isolamento social/físico; distanciamento social/físico.

INTRODUÇÃO: CORPUS EM PANDEMIA

O discurso jornalístico materializa periodicamente os sentidos e as palavras, ainda que pareçam evidentes em um texto, uma matéria, sob efeito da organização sintática (ORLANDI, 1996), podem significar diferentemente para os sujeitos, em uma abertura à interpretação, determinada historicamente. Em tempos de pandemia de Covid-19, doença do novo coronavírus que se espalha rapidamente no planeta desde dezembro de 2019, nos perguntamos como funciona a

produção de sentidos pelo digital e pelo discurso jornalístico a partir do acontecimento discursivo da pandemia? Com essa questão de pesquisa, nos propomos a (i) analisar, no período anterior e no momento de surgimento da doença, como as formulações com os sintagmas nominais *distanciamento social*, *distanciamento físico*, *isolamento social* e *isolamento físico* significam no discurso do jornal *Folha de São Paulo*; e (ii) situar o sujeito e os desdobramentos históricos que (re)significam as relações sociais pelo digital em meio ao acontecimento discursivo da pandemia, na materialidade do discurso jornalístico. A formulação, esse gesto ideológico mínimo (ORLANDI, 1996), nos é interessante, sendo “o ponto nodal, a intersecção entre a constituição e a circulação, o meio e o processo, ligados pelo corpo da linguagem” (DIAS, 2018, p. 186). Não deixamos, porém, de pensar, quanto à relação de sentido na pandemia, que, hoje, “a questão da circulação se impõe” (ORLANDI, 2020, n. p.), atrelando-se à constituição e à formulação das discursividades.

Desta forma, o novo coronavírus ou a síndrome causada por esse organismo, a Sars-CoV-2, não são tomados neste trabalho pelo viés de disciplinas — institucionalizando áreas do conhecimento — da Saúde (HUARCAYA-VICTORIA, 2020) ou da Economia (MAVROUDEAS, 2020), por exemplo, mas, sim, pela entrada discursiva e ideológica em funcionamento na linguagem (PÉCHEUX, 1997). Para tal, a pior pandemia do século é lida por nós enquanto acontecimento discursivo, a partir do qual os sentidos se metaforizam, ainda que exista uma “indistinção, agora formulada em silêncio, que se espalha na metaforização do susto global do capitalismo, mas, sobretudo, nosso” (ORLANDI, 2020, n. p.). As “palavras se encharcam de sentidos de pandemia e as nossas interpretações se espalham inquietas, sentidos fogem”, pois esse estado de alarme contagia “não só as posições sujeito, mas também as palavras, os sentidos. Esse pode ser um ponto de partida, a metaforização da pandemia atravessando fronteiras na linguagem e distinguindo sentidos, irrompendo em palavras que surgem de qualquer parte” (ORLANDI, 2020, n. p.).

No nosso caso, tomamos a pandemia como ponto inicial e o arquivo do jornal *Folha de São Paulo*, cuja versão digitalizada é líder em assinantes no Brasil (FOLHA..., 2020, n. p.), como entrada para a análise. Nesse momento de alarme, a pesquisa por notícias em websites da grande mídia brasileira cresceu, em média, 40% nas primeiras semanas de pandemia no país, em março, segundo o Instituto Verificador da Comunicação (SILVA, 2020). O número pode apontar

para a ampla circulação desses discursos entre sujeitos atravessados pela memória digital, “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105). Nos centrando, em primeiro momento, na questão de pesquisa e nos objetivos de análise, notamos, então, “regularidades de funcionamento” (ZOPPI- FONTANA, 2005, p. 3) no arquivo jornalístico da *Folha* que nos permitiram chegar a um corpus, constituído por domínios de memória, atualidade e antecipação (COURTINE, 2009).

Dito isto, observamos no arquivo da *Folha* a regularidade dos sintagmas nominais distanciamento social, distanciamento físico, isolamento social e isolamento físico, tendo as construções irrompido 976, 60, 2.129 e 35 vezes, respectivamente, em formulações de 1990 a 2020 (até 10 de junho do presente ano). Ainda que a filtragem de matérias da *Folha* tenha sido feita pela pesquisa de palavras-chave no buscador do site homônimo (www.folha.uol.com.br), não queremos apontar para uma análise terminológica. Reconhecemos que os efeitos de sentido em distanciamento social/físico e isolamento social/físico não se originam nas palavras em si. Pretendemos com a análise do discurso jornalístico que circula pelo digital, isto sim, compreender funcionamentos a partir do acontecimento discursivo da pandemia de Covid-19, construindo, com os dispositivos teórico-analíticos da Análise de Discurso franco-brasileira, “procedimentos [e] expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” (PÊCHEUX, 1999, p. 8). Pelo entremeio dessa disciplina, por fim, o discurso jornalístico é analisado “como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de outros tantos já-ditos, de dizeres oriundos de campos diversos” (SCHWAAB, ZAMIN, 2014, p. 53). Um discurso que se fia a outros discursos, materializando-se na rede languageira e significante pela história. Efeitos de sentido, em uma situação sócio-histórica, para locutores (ORLANDI, 2007).

PANDEMIA: ACONTECIMENTO DISCURSIVO PELO DIGITAL

A pandemia de Covid-19 pode ser compreendida como acontecimento discursivo, noção que implica, de acordo com Pêcheux (2015, p. 17), o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Em outras palavras, esse cruzamento da atualidade (interdiscurso) com a memória (intradiscurso) se dá na formulação, constituída pelo já-dito

e pelo dizer do sujeito, instaurando “o efeito de memória: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados” (INDURSKY, 2003, p. 103). Portanto, situar o acontecimento discursivo entre interdiscurso e intradiscurso é afirmar que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2015, p. 53). Assim, o enunciado é “linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso” (PÊCHEUX, 2015, p. 53).

Pêcheux (2015, p. 56), no entanto, frisa que a noção de acontecimento discursivo não pretende entender o discurso como um “aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe”, pois a memória de que trata a Análise de Discurso é aquela social, funcionando nas/pelas práticas discursivas (PÊCHEUX, 1999). Contudo, “todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho” (PÊCHEUX, 2015, p. 56). Assumindo o trabalho ideológico na produção de sentidos, o autor escreve sobre a possibilidade de “deslocamento” do enunciado, na história e no/pelo sujeito, visto que “não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma ‘infelicidade’” (PÊCHEUX, 2015, p. 56).

O acontecimento da pandemia, por sua vez, “domina as discursividades, sobretudo, no que dizemos para a metaforização dessa ameaça global” (ORLANDI, 2020, n. p.). O que enunciamos é afetado pelos sentidos de/em pandemia. O que formulamos simboliza a doença (e a ignorância sobre complicações da enfermidade) em nós, nos nossos corpos em contato/contágio. Para Orlandi (1996, p. 82), os pontos de deslize possíveis em uma formulação — possíveis pelo acontecimento discursivo — são o lugar/*locus* em que se produz o efeito metafórico, “onde língua e história se ligam pelo equívoco (materialmente determinado) que se define o trabalho ideológico, em outras palavras, o trabalho da interpretação”. Nesse sentido, considera-se metáfora “palavras que falam com outras palavras, produzindo transferência de sentidos equívocos, silenciosa ou explicitamente, com ou sem nosso consentimento, com ou sem nosso conhecimento” (ORLANDI, 2020, n. p.).

Porém, manifestando, com Pêcheux (2015), que o discurso é um “índice” de agitação na identificação (construída sócio-historicamente) e que pode tornar-se outro discurso, na relação movediça entre os sentidos, é interessante pensar que “algo do mesmo está nesse diferente; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, há sempre um possível ‘outro’, mas que constitui o mesmo” (ORLANDI, 1996, p. 81). O acontecimento discursivo, retomando, não se constitui do “zero”, implica a estrutura interdiscursiva pela interpretação do sujeito, pois “o mesmo já é produção da história, já é parte do efeito metafórico. A historicidade está aí representada justamente pelos deslizes (paráfrases) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas” (ORLANDI, 1996, p. 81). O discurso jornalístico sobre a pandemia, desse modo, não é um “aerólito miraculoso”, desvinculado da rede de significação social, mas, sim, significa e constitui a memória do dizer, produzindo novos (efeitos de) sentidos para construções com *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico*. “Fala-se a mesma língua, mas se fala diferente. Pelo efeito metafórico. Esse deslize, próprio da ordem do simbólico, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, p. 81, 1996).

Dizer a pandemia, interpretar essa possibilidade de contágio, e morte, funciona no “ponto de encontro” do discurso jornalístico, formulando cotidianamente o real, com a memória digital, historicizando, pela discursividade do digital (da qual, conforme Dias [2018, p. 190], a “‘iminência da desapareição’ faz parte”, pela possibilidade do “deletar”, pela “desapareição pelo excesso, pela quantidade que apequena e indistingue os dizeres na massa de outros”), a relação com os efeitos, não apenas os da transmissão viral, mas, principalmente, os efeitos de sentido da pandemia em nós. No limite, a “iminência da desapareição”, sobre a qual escreve Dias (2018), em relação ao digital, é o que potencializa, também, o novo coronavírus enquanto “ameaça global”, um risco de contágio que, pela proporção de contaminação viral e pelo risco de morte entre os infectados, “desestabiliza” sujeitos e, assim, metaforiza sentidos possíveis para sujeitos em um mundo logicamente “desestabilizado” pelo *isolamento* e *distanciamento social/físico*. Ainda de acordo com Dias (2018, p. 43), essa “desestabilização” de sentidos se dá com ênfase pela circulação, elemento que “se sobressai ao da formulação e ao da constituição no processo de produção dos discursos e do conhecimento, pela maneira como a noção de informação se discursiviza em nossa sociedade”.

ISOLAMENTO E DISTANCIAMENTO: ENTRE O “MESMO” E O “DIFERENTE”

Dizer o “mesmo” constitui dizer de forma “diferente”, pensando a estrutura inter e intradiscursiva enquanto “ponto de encontro” a partir do qual se produz o acontecimento discursivo. No corpus em pandemia, de textos atravessados pela significação de *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico*, o acontecimento da Covid-19 irrompe, pela determinação histórica dos sentidos e pelo trabalho ideológico (da interpretação), sentidos outros para tais construções linguístico-discursivas. Por isso, investimos, nesse primeiro momento, em recortes de textos com os quais podemos situar/interpretar o funcionamento dessas formulações do discurso jornalístico, em um gesto, contínuo, de descrição e análise do material.

Para se ter ideia sobre o funcionamento discursivo no corpus, formulações com *distanciamento físico* ocorreram, antes do acontecimento da pandemia, em seis textos da *Folha de São Paulo*, sobre relação familiar, celebridades e mundo do esporte. Na matéria de Leão (2003, n. p.), por exemplo, em que “a partir do momento em que começam a crescer, os pais, pensando na disciplina e no respeito, perdem a espontaneidade e a liberdade de botar a criança no colo (...). Um certo distanciamento físico começa a permear as relações”, o *distanciamento físico* familiar decorre de uma prática (perder “a liberdade de botar a criança no colo”). Já na formulação de Eichenberg (2004, n. p.), sobre uma atriz francesa, na qual o jornalista afirma que “a necessidade de Catherine Deneuve de manter um diário é alimentada, exclusivamente, pelo distanciamento físico e psicológico de sua realidade, de seu lar, família e amigos”, o *distanciamento físico* da artista decorre de uma escolha por afastamento “de sua realidade”.

As formulações com *distanciamento social* antes da pandemia apareceram em 16 textos publicados no portal e jornal impresso do veículo de comunicação e diziam respeito a diversas questões, como desigualdade social, vício em tecnologia e até, em contexto de outra pandemia. Uma das maneiras apresentadas é a da vontade de uma certa parcela da sociedade de se afastar das convenções sociais relacionadas a determinados grupos, pelo funcionamento de estereótipos, que são “as imagens mentais que mediatizam nossa relação com o real. Trata-se de representações feitas, esquemas culturais, diz ele, preexistentes, com a ajuda dos quais cada um filtra a realidade ambiente” (LIPPMANN, 1922 *apud* ORLANDI, 2001, p. 17). Esse *distanciamento* pode também ser, ou

não, *físico*, pensando realmente em uma distância de determinado lugar dentro do espaço. Como no texto de Mendes (2020, n. p.), no qual é abordada a questão da criação dos bairros Higienópolis e Paraisópolis da cidade de São Paulo, “o bairro que nasceu no início do século passado sob a promessa de higiene, de água encanada e esgoto, de proteção contra a malária, que ofereceu distanciamento social e sanitário do centro”.

Essa ideia de *distanciamento social*, que também pode ser *físico*, é trazida por Orlandi (2001, p. 14) ao dizer que existe uma “verticalização das relações horizontais na cidade que, de espaço material contíguo, se transforma em espaço social hierarquizado (vertical)”. Nesta hierarquia verticalizada, o aliado e o inimigo “se indistinguem” e as diferenças “se significam pela categorização em níveis de dominação e impede a convivência, o trânsito horizontal, as relações de contiguidade” (ORLANDI, 2001, p. 14). Esse *distanciamento social* dizia respeito à organização social verticalizada que, segundo a autora, se refletirá no espaço social, “separando regiões, determinando fronteiras que nem sempre são da ordem do visível concreto, mas do imaginário sensível” (ORLANDI, 2001, p. 14).

Por outro lado, o *distanciamento social* apareceu em textos associando-se a pessoas que se afastam da sociedade, inicialmente referindo-se àquelas que trocavam a interação social por assistir à televisão, como no texto “Por que tirar a televisão do quarto” (2004, n. p.), no qual se afirma que, quanto mais a pessoa se isolar para assistir à televisão, “maior o distanciamento social e familiar”. Depois, a mesma ideia é apresentada para falar sobre pessoas viciadas em celular, que passam a se comunicar somente por ele, sem conversar pessoalmente com os “outros”, sendo o *distanciamento social* um dos sintomas daqueles que são muito apegados a esses aparelhos eletrônicos.

Durante a pandemia de H1N1, que aconteceu durante o ano de 2009, formulações com *distanciamento social* surgiram como medida preventiva para se evitar a disseminação da doença, como na matéria (2009, n. p.) que diz que, no México, foram iniciadas “as medidas recomendadas pela OMS para estes casos, como o *distanciamento social*, fechamento de escolas e proibição de concentrações maciças”. Já neste outro texto, *distanciamento social* é uma das medidas que reduzem a taxa de reprodução do vírus, pois auxilia a “controlar a eficiência de transmissão do vírus, tempo que uma pessoa permanece infectada e a quantidade de pessoas com quem ela mantém contato” (HANASHIRO, 2009, n. p.).

A partir da disseminação do novo coronavírus no planeta, porém, o discurso jornalístico passa a significar *distanciamento físico*, por exemplo, enquanto medida combativa à doença, associando as expressões a essa enfermidade. É o caso do editorial “Maratona inglória” (2020, n. p.), no qual se lê que, “num momento em que a pandemia do novo coronavírus recrudescer, impondo o distanciamento físico e o uso de máscaras, formaram-se aglomerações que poderiam ter sido evitadas com melhor orientação e planejamento” (MARATONA..., 2020, n. p.), e da matéria de Pinto (2020a, n. p.), sobre “as medidas de distanciamento físico para combater a pandemia no Brasil [que] tiveram algum efeito, mas ainda não foram suficientes para controlar a transmissão do coronavírus no país” (PINTO, 2020a, n. p.). Na primeira formulação, o “distanciamento físico e o uso de máscaras” são uma imposição do momento (no qual o “novo coronavírus recrudescer”), ainda que haja “aglomerações que poderiam ter sido evitadas” — pelo *distanciamento físico*. Da mesma forma, a segunda matéria relaciona *distanciamento físico* às “medidas”, que “tiveram algum efeito”, “para combater a pandemia”.

Há, também, outras matérias que significam o *distanciamento físico* em relação a uma medida numérica ou quantificável, assumindo-se o acontecimento da pandemia de Covid-19. Assim, o texto de Alonso (2020, n. p.) explica que lojas na Alemanha reabririam, em abril de 2020, “desde que garantido o distanciamento mínimo de 1,5 metro entre os clientes. A volta das aulas (...) [deveria] acontecer a partir de 4 de maio, quando termina a vigilância do bloqueio, também com medidas de distanciamento físico” (ALONSO, 2020, n. p.). Já a matéria de Pinto (2020b, n. p.), formula que nos países europeus com retorno às aulas em abril “haverá medidas de distanciamento físico; na Dinamarca, por exemplo, havia “uma escola infantil onde cada criança ocupava apenas uma mesa, a pelo menos dois metros de distância de outros colegas”. Em ambos textos, o *distanciamento físico* retorna, em um gesto de paráfrase, no trecho sobre “distanciamento mínimo de 1,5 metro entre os clientes”, na primeira formulação, e em “dois metros de distância de outros colegas”, no último enunciado.

Já formulações com *distanciamento social*, depois da pandemia do novo coronavírus, apresentam-se da mesma forma de quando foram apresentada em matérias que tratavam a pandemia da gripe suína: com uma ideia mais focada nesse afastamento e não realização de atividades consideradas de interação social, relacionando-se à significação apresentada na matéria que retratava pessoas viciadas em tecnologia. No texto de Teixeira e Junior (2020, n. p.), o *distanciamento social* é

apresentado como uma abordagem que “visa reduzir o contato entre infectados e não infectados, com medidas em larga escala (cancelar eventos, fechar espaços públicos) e decisões individuais (evitar aglomerações, manter distância interpessoal, ter etiqueta respiratória)”. Em outro texto, a expressão é apresentada como “afastamento físico, proibição de aglomerações, identificação e *isolamento* dos pacientes infectados” (SROUGI, 2020, n. p.), aparecendo aqui a relação próxima que *distanciamento social/físico* e *isolamento físico/social* passaram a ter após a pandemia. Porém, *distanciamento social*, em alguns textos, quando se refere a isolamento em locais específicos e fechados, também relacionou-se a uma medida numérica, como no trecho em que “significa combater a difusão do vírus ao manter um espaço de pelo menos dois metros com relação a outras pessoas” (MORATH, HILSENATH, CHANEY, 2020, n. p.), evitando “saídas desnecessárias e não participar de ocasiões sociais com mais de 10 pessoas” (MORATH, HILSENATH, CHANEY, 2020, n. p.).

A nossa análise também considerou interessantes textos com os sintagmas nominais *distanciamento físico/social* e *isolamento físico/social*, simultaneamente. É o caso desta coluna de opinião atribuída a João Doria (2020, n. p.), governador de São Paulo, pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), até o presente momento, na qual se afirma que “o isolamento social é a única forma de evitar a explosão mortífera do vírus (...). Cada município, empresa, indústria ou comunidade deve providenciar suas regras de distanciamento físico nos equipamentos de uso coletivo”. Na formulação, podemos interpretar que *isolamento social* e *distanciamento físico* funcionam parafrasticamente, pois ambos são formas de “evitar a explosão mortífera do vírus”. Igualmente, os textos de Rodrigues (2020) e Bonduki (2020), além da matéria sobre o uso de celular na pandemia (2020), significam *isolamento* e *distanciamento* enquanto o “mesmo”:

associações esportivas espalhadas pelo mundo têm criado protocolos para tentar retomar seus respectivos calendários de treinos e torneios. A lista de recomendações para o retorno às práticas inclui desde o distanciamento físico de atletas até a proibição do cuspe durante jogos (...). O projeto já foi entregue ao governo, que deverá dar uma resposta sobre a retomada do futebol em reunião no dia 6 de maio, quando a chanceler Angela Merkel

se reunirá com autoridades dos 16 estados do país para discutir o relaxamento das medidas de isolamento social (RODRIGUES, 2020, n. p.)

A prevenção ao contágio exige uma mudança de comportamento social, questão que deveria estar no rol de preocupação dos governos para tornar mais efetivo o isolamento físico. Vera Paiva, professora do Instituto de Psicologia da USP e coordenadora de um projeto de prevenção à Aids (...), afirma que é necessário formular estratégias específicas (...). Usando sua experiência na prevenção à Aids, ela afirma que sem uma mudança de mentalidade (...), será difícil evitar que as pessoas passem a ter um distanciamento físico seguro para evitar a contaminação. (BONDUKI, 2020, n. p.)

O fechamento das escolas empurrou milhares de alunos e seus professores para a frente de computadores, tablets ou smartphones. Esta tem sido a maneira encontrada em grande parte das escolas para que os estudos não sejam totalmente interrompidos enquanto o isolamento durar. Se a presença das telas em nossas vidas já era um caminho sem volta bem antes do coronavírus, agora, com a necessidade de distanciamento físico, essa situação ficou ainda mais evidente (CELULAR..., 2020, n. p.)

Na formulação de Rodrigues (2020), o *distanciamento físico* faz parte dos “protocolos” e “lista de recomendações” para centros esportivos abrirem as portas e, no caso da Alemanha, essas “medidas de isolamento social” precisariam da aprovação política para começar a valer no país. A relação parafrástica entre *isolamento* e *distanciamento* se mantém, ainda, na formulação retirada de Bonduki (2020), sugerindo uma “mudança de comportamento social” para um *isolamento físico* “mais efetivo”. Aqui, a especialista consultada pelo jornal, uma professora da Universidade de São Paulo, afirma que o *distanciamento físico* depende de uma “mudança de mentalidade” das pessoas. Por fim, na matéria sobre uso de celular (2020) durante a pandemia, existe a necessidade de usar as telas (“computadores, tablets ou smartphones”) na educação

“enquanto o isolamento durar” ou enquanto houver “a necessidade de distanciamento físico”.

No entanto, construções do discurso jornalístico significam, também, *isolamento* e *distanciamento* diferentemente, metaforizando sentidos a partir do acontecimento da pandemia. Nos textos de Pinto (2020d, n. p.; 2020e, n. p.), respectivamente, sobre a declaração de Maria van Kerkhove, líder técnica da Organização Mundial da Saúde (OMS), que afirmou que a máscara “só é útil se for parte de um pacote maior, incluindo distanciamento físico, higiene e teste, tratamento dos doentes, rastreamento de contatos e isolamento dos suspeitos”, e a respeito da recomendação da OMS para “vigilância (por meio de testes, rastreamento e isolamento) e as medidas de distanciamento físico”, *distanciamento físico* e *isolamento* são métodos (“um pacote”) distintos para o combate à doença, de maneira que o primeiro é uma “medida” e o segundo, um aspecto da “vigilância”. Em continuação, outras matérias também significam formulações com *isolamento* e *distanciamento* diferentemente, pela possibilidade mesma dos pontos de deslize na língua:

Não houve lei de confinamento, mas as recomendações do Ministério da Saúde [da Suécia] são claras: mantenha distanciamento físico; fique em casa se tiver sintomas ou se for do grupo de risco. Caso contrário, vá trabalhar. (...) “Moro e trabalho na Suécia desde 2017, e Alejandra, minha mulher, vive na Alemanha. Quando decidimos engravidar, combinamos que ela viria morar comigo na Suécia a partir de julho (...). Precisava chegar [na Alemanha] pelo menos duas semanas antes do parto, por causa da regra de isolamento de 14 dias”. (PINTO, 2020c, n. p.)

Empresas já se preparam para uma nova rotina de trabalho após o isolamento. Além da preocupação em adotarem protocolos de segurança para evitar o contágio, como a adoção de medidas que garantam distanciamento físico, outra estratégia é implementar a testagem em massa para identificar funcionários que possam ter contraído a Covid-19 e não sabem. (NARCIZO, MARTÍNEZ-VARGAS, 2020, n. p)

As especialistas alertam para a importância do apoio para quem perdeu alguém ou trabalha na linha de frente no combate à Covid-19, para que elas não se sintam sozinhas e desprotegidas. ‘Eu gosto da ideia usada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) de falar em distanciamento físico, e não em isolamento, entendendo que socialmente estamos criando formas de estarmos juntos’, diz [a psicóloga Erika] Pallottino. (HENRIQUES, 2020, n. p.)

Na matéria de Pinto (2020c), sobre um casal que espera o nascimento do filho em meio à pandemia, *distanciamento físico* é uma das “recomendações do Ministério da Saúde”, apesar da falta de “lei de confinamento” no país. O *isolamento*, no entanto, é uma “regra” e tem duração de “14 dias”, a partir da chegada do turista ao novo destino. Já na formulação de Narcizo e Martínez-Vargas (2020, n. p.), “a adoção de medidas que garantam distanciamento físico” faz parte de um “protocolo” e deve integrar a “nova rotina de trabalho após o isolamento”, isto é, sentidos de *distanciamento físico* e *isolamento* se metaforizam de forma que o *distanciamento* segue “após o isolamento”. Por fim, no texto de Henriques (2020, n. p.), que entrevistou uma psicóloga sobre o apoio a pessoas vitimadas pela Covid-19, a especialista sugere falar em *distanciamento físico*, e “não em isolamento”, pois “socialmente estamos criando formas de estarmos juntos”. Pelos pontos de deslize nas formulações, *distanciamento físico* e *isolamento* passam a significar diferentemente, enquanto o primeiro possibilitaria uma “forma de estarmos juntos” na pandemia de Covid-19, o segundo excluiria essa chance. E instituições tão caras ao discurso jornalístico, como a OMS, passam a regular, ou a tentar regular — a ordem do discurso comunica e, também, não comunica, lembramos, com Pêcheux (1997) —, essa dispersão de sentidos, autorizando determinadas versões sobre o dizer, sobre os sujeitos e sobre as relações sociais.

SUJEITOS E RELAÇÕES SOCIAIS: (RE)SIGNIFICANDO PELO DIGITAL

Temos visto que, pelo acontecimento discursivo da pandemia, é possível ler o arquivo da *Folha de São Paulo* com uma lacuna temporal anterior e durante o surgimento da doença, lançando um olhar (sujeito pesquisador) sobre o processo de produção de sentidos, diante do efeito metafórico e da metaforização de termos associados, hoje, ao

novo coronavírus. No arquivo recorrido, a primeira vez que ocorre o sintagma nominal *isolamento físico*, por exemplo, é em novembro de 1994 e se refere ao Documento Militar do Leste (CML). No referido jornal, o documento oficial é divulgado na íntegra. O texto trata de uma ação militar cuja finalidade é “reunir e consolidar a experiência adquirida pelas Unidades do CML em exercícios e Operações Urbanas de Segurança Integrada em áreas de favela” (LEIA..., 1994, n. p.). Por esta materialidade discursiva, *isolamento físico* funciona parafrasticamente como “controle” de trânsito de pessoas e veículos. Nada tem a ver, portanto, com questões relacionadas à saúde pública, ainda que uma das justificativas para o controle militar da área seja o combate ao tráfico de drogas.

Cinco anos depois da primeira formulação no site da *Folha*, *isolamento físico* significa em outro texto do jornal, sobre a condição de preso político de Abdullah Ocalan, líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), “distanciado” (*distanciamento* funcionando como paráfrase possível para *isolamento*) física e politicamente do seu grupo. Outros textos do jornal também significam *isolamento físico* pelo exercício militar, como nas publicações de Bonalume Neto (2004) sobre a Al Qaeda; Flint (2007) e Antunes (2008), sobre conflitos na Faixa de Gaza; e Miotto (2015), envolvendo o confronto entre Israel e Palestina. Na publicação de Flint, por exemplo, *isolamento físico* é uma consequência do “clima de prisão” na região.

Da mesma maneira que formulações com *isolamento social*, cuja análise virá em seguida, o *isolamento físico* significa, em outros textos jornalísticos, pela questão da saúde mental. No primeiro recorte, do texto de Modelli (2018, n. p.), reduzir o *isolamento físico* entre as pessoas é uma medida (insuficiente) para combater a solidão e, segundo uma professora do Amherst College, ouvida pelo jornal, “muitas medidas dos governos para reduzir a solidão se concentram apenas na redução do *isolamento físico*, e não no sentimento em si”. Por outro lado, essa relação entre *isolamento físico* e doença mental ocorre no texto de Gent (2019, n. p.), significando uma preocupação que, de acordo com a matéria, tem afetado um grupo cada vez maior de pessoas, os chamados “Hikikomori”, jovens que vivem sem sair dos seus quartos, gerando uma preocupação quanto à condição de sofrimento. Pela relação parafrástica entre *isolamento físico* e *social*, a matéria se refere ao sofrimento (que poderia “durar seis meses ou mais”) desses jovens. Nesse caso, o digital, ou a relação social atravessada pelo digital, seria um desencadeador

do comportamento dos “Hikikomori”, já que o “afastamento” desses sujeitos, em um “mundo hiperconectado”, implicaria perda de “contato social”.

Curiosamente, a primeira vez em que a construção *isolamento físico* foi relacionada à saúde se deu em matéria de 2003 sobre a disseminação da “pneumonia asiática”. À época, o texto, escrevendo sobre a “doença de causa misteriosa” que havia provocado “98 mortes no mundo”, mostrava como gestores se organizavam para conter o mal-estar, pois com “muitos casos, o atendimento também pode ser feito em áreas que só tiverem isolamento físico” (LEITE, 2003, n. p.). Nessa formulação, percebemos o quanto a dispersão de sentidos é própria da língua, e do discurso jornalístico; os deslizos marcam a relação de medidas restritivas pelo *isolamento físico*, antes significando por medidas militares e, por último, por questões de saúde.

Por sua vez, a busca pelo sintagma nominal *isolamento social* no website do jornal paulista é a que chega a mais resultados, com 2.129 citações em textos na pesquisa feita desde a década de 1990 até o dia 10 de junho de 2020. A mais antiga citação à expressão foi encontrada na coluna jornalística do médico Jairo Bouer, em 4 de junho de 1994, formulando sobre os sinais para identificar quando alguém está em depressão; segundo o médico, “o isolamento social pode ser o primeiro indício” (BOUER, 1994, n. p.) de depressão. Essa associação entre *isolamento social* e doenças mentais é recorrente em todo o corpus analisado. Em outras palavras, textos como o de Bouer significam o *isolamento social* como consequência de um problema — e, nesse caso específico, a depressão. Além disso, o tipo de formulação em que *isolamento social* é uma consequência aparece ao lado de outras duas ocorrências, entre as mais recorrentes no corpus.

A segunda recorrência mais abundante no discurso jornalístico pelo digital, a partir do buscador de notícias da *Folha*, é a de que o *isolamento social* é a causa de alguma doença. Essa interpretação perpassa a coluna do também médico Júlio Abramczyk (1995, n. p.). Ao formular sobre os casos de alcoolismo entre idosos, o especialista afirma que, “entre as causas que levam um idoso a beber, estão problemas emocionais provocados pelo isolamento social, aposentadoria, perda de amigos e familiares e o estresse por se sentirem cada vez mais velhos”. Percebemos, nesse trecho, que, diferentemente daquilo que aparece no primeiro tipo de formulações com *isolamento social*, no qual o sintagma nominal é uma consequência de uma doença, aqui, o *isolamento* é a

causa de um problema, ou seja, o alcoolismo é um dos motivos pelos quais os “problemas emocionais” são provocados em idosos. Essa mesma construção, como já dissemos antes, aparece em diversas matérias publicadas pela *Folha*.

Por fim, o terceiro tipo de formulação com *isolamento social* que encontramos no corpus diz respeito ao uso da internet. O sujeito, ao usar internet, acabaria se isolando socialmente, como afirma este recorte, de uma notícia da Agência Efe, publicada pela *Folha*: “A psiquiatra Hilarie Cash, que atende em um centro de serviço especializado em vício em computador/internet (...), verificou que um dos principais sintomas do distúrbio [é] a constante preocupação por ‘estar conectado’ (...). Outros sinais do vício são isolamento social, dor na coluna e aumento de peso” (INTERNET..., 2005, n. p.). O *isolamento social*, nesta interpretação, é sinal de um “vício”, um dos “sintomas do distúrbio” por “estar conectado”.

Pudemos perceber, portanto, que os principais usos da expressão *isolamento social* tratavam de três situações específicas, antes do acontecimento da pandemia. No primeiro tipo de formulação, o sintagma nominal aparece como consequência de algo (a depressão, no caso). Em outra ocorrência, o isolamento é a causa de algo (o isolamento social poderia levar ao uso abusivo de álcool por idosos, segundo o recorte analisado). Nesses dois casos, o *isolamento social* não é visto como um problema em si, ele é, sim, a causa ou a consequência de uma doença. Já no terceiro recorte analisado, o *isolamento social* é apontado como consequência, mas, dessa vez, do “vício em computador/internet”. A especialista traz, ainda, outra consideração importante. Segundo ela, “uma pessoa que passa horas do dia em frente ao computador navegando na internet, enviando mensagens eletrônicas, negociando ações ou jogando pode ser considerada doente e, por isso, precisa de ajuda” (INTERNET..., 2005, n. p.). Tal afirmação nos coloca a pensar em que momento nossa relação com o digital, que, para nós, implica tanto o uso do computador quanto da internet, deixou de ser uma doença e passou a ser uma conduta “normal” (não viciosa ou não sintomática) e, por vezes, recomendável. Afinal, qual grande empresa não tem seus funcionários em situação como a descrita pela pesquisadora durante o período do trabalho? Ou, ainda, voltando à condição de pandemia em que nos encontramos, como se significa, atualmente, pelo discurso jornalístico, o sujeito que tem todas as suas relações, seja de trabalho, seja de convívio social, atravessadas pelo digital?

Não custa lembrar, porém, que, durante o período de *isolamento social* pela pandemia de Covid-19, não apenas o trabalho passou a ser totalmente remoto, ou seja, sem a presença física dos sujeitos, mas também foram inúmeras as apresentações musicais transmitidas (não sem falhas) pela internet, debates, entrevistas, eventos acadêmicos e transferência da educação presencial para o ensino a distância. Há, contudo, um elemento biológico (e, para nós, sobretudo, simbólico) que faz desse momento único em nossa história: um vírus impondo que todos mantenham distância uns dos outros, sob o risco de, caso descumprida a imposição, morrermos ou matarmos alguém. Frente a isso, qualquer argumento contrário a alguma dessas atividades realizadas remotamente perderia força. Não é estranho, portanto, que, mesmo o ensino a distância, cuja implementação vem sendo discutida há anos, acabou por se impor aos estudantes, principalmente em instituições privadas de ensino, já que a vida na sala de aula física estaria em risco.

A imposição e a urgência pelo *isolamento social* são recorrentes nos discursos analisados. Canzian (2020, n. p.) afirma que “o isolamento social para retardar a propagação do [vírus] serve para evitar o colapso dos hospitais”. Já Veloso (2020, n. p.) escreve que, “com a pandemia anunciada, a falta de possibilidade de praticar o isolamento social é uma preocupação”. Em ambos exemplos, os sentidos de *isolamento social* estão parafrasticamente relacionados aos de formulações com *isolamento físico*, *distanciamento social* e *distanciamento físico*, pelo acontecimento da pandemia, conforme já demonstramos neste artigo; o “mesmo” significando, historicamente, em determinada situação, ainda que haja equívoco e deslizamento de sentidos no discurso jornalístico.

Mas, antes de seguirmos a análise, é necessário que expliquemos que nosso objetivo aqui não é colocar em xeque a importância do *isolamento*, ou até questionar o *isolamento* frente à preservação da vida. O que nos move é uma questão de outra ordem (a do discurso): como se significam os sujeitos frente a esse acontecimento? Quais deslocamentos/pontos de deslize esse acontecimento discursivo materializou com relação aos sentidos do digital e do sujeito que é significado/atravesado pelo digital? A resposta para ambas as perguntas passa, na análise de discurso, pela noção de *sujeito de dados*, um sujeito

centrado sobre o princípio tecnológico de uma sociedade digital, na qual sujeito e sentidos se constituem em seu cotidiano por uma capitalização constante de dados que

ele fornece ao utilizar dispositivos e sistemas digitais universalizantes. Esses sistemas são determinantes do processo de individualização dos sujeitos por um Estado econômico-tecnológico (DIAS, 2018, p. 168).

Em um primeiro momento, pode parecer que a noção descrita acima serve apenas para nomear o perfil que os algoritmos criam para os usuários de sites tendo como base suas escolhas e preferências em rede. No entanto, Dias (2018, p. 170) afirma que precisamos entender a relação entre sujeito e digital “além do utilitário dos sistemas de aplicativos que facilitam a vida, a circulação dos dizeres e armazenamento das memórias. Essa compreensão passa pela sobredeterminação do político ao econômico, ao consumo, ao mercado de dados”. Ou seja, longe de ser um simples perfil traçado por máquinas, o sujeito de dados é o sujeito que emerge da relação com o digital, pelo funcionamento discursivo, no qual o econômico suprime o político — e, aqui, devido à repetição característica da materialidade digital, podemos considerar o político conforme definido por Orlandi (1998), como o sentido sempre dividido. É preciso, ainda, considerar que esse econômico tem características particulares ao significar o consumo. Não se trata do consumo de itens necessários à vida, mas do consumo de informação, um consumo voraz de informação. Esse consumo alimenta a produção e a circulação de dados, que, por sua vez, faz girar a economia.

Sendo assim, podemos afirmar que a materialidade digital atravessa o sujeito e o ressignifica, principalmente quanto aos sintagmas nominais analisadas neste trabalho. Na disputa pelos sentidos de *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico*, é possível perceber ao menos duas significações irromperem, em um gesto que significa essas expressões enquanto o “mesmo”, parafrasticamente, e outro gesto que as diferencia, pelo efeito metafórico, no discurso jornalístico. Na disputa (ideológica) de sentidos em meio à pandemia de Covid-19, que afeta essa rede sofisticada de significação, temos, ainda, o sujeito de dados e seu processo de individuação no/pelo Estado econômico-tecnológico, historicizando-se, inscrevendo-se na memória discursiva.

CONCLUSÕES

Neste artigo, pudemos compreender a metaforização de sentidos em formulações com *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico*. Para tal, analisamos textos do website da *Folha de São Paulo*

antes e durante a pandemia de Covid-19 e pudemos situar como essas formulações significam no discurso jornalístico e pelo digital. Além disso, fizemos uma discussão sobre a pandemia enquanto acontecimento discursivo, a partir de Orlandi (2020) e Pêcheux (2015), noção que contribui para a análise de discurso em meio à ameaça global do novo coronavírus.

Dessa forma, no período anterior ao acontecimento da pandemia, textos com *isolamento social*, por exemplo, significavam essa expressão enquanto consequência ou causa de uma doença, geralmente psíquica e atribuída ao uso excessivo de computador e internet. Já formulações com *isolamento físico* significavam associando-se, majoritariamente, à questão militar, ao controle de território e ao aprisionamento de corpos nesse espaço-físico-(de)limitado. Textos com *distanciamento físico*, no período anterior à pandemia, por outro lado, significavam a relação familiar, celebridades e o mundo do esporte. Já formulações com *distanciamento social* diziam respeito à vontade de uma parcela da sociedade de se afastar das convenções sociais de determinados grupos, de um afastamento de atividades consideradas do âmbito social, como eventos públicos e encontros, e, por fim, como uma medida preventiva contra outra pandemia que aconteceu em 2009, a de H1N1, ou a gripe suína.

No entanto, a partir da disseminação do novo coronavírus no mundo, o discurso jornalístico, pela materialidade digital, passa a significar sintagmas nominais como *isolamento social/físico* e *distanciamento social/físico* enquanto o “mesmo” (uma medida combativa à doença altamente transmissível entre humanos) e o “diferente”, metaforizando sentidos a partir do acontecimento discursivo da pandemia. Assim, diante das análises apresentadas, adentramos, também, em uma breve discussão sobre o sujeito de dados e as consequências da circulação do discurso jornalístico pelo digital na individuação desse sujeito. Concluímos que a circulação pelo digital não pode ser colocada fora dessa discussão, já que contribui para entender o processo de significação. Gostaríamos de ressaltar, também, que o objetivo deste artigo foi identificar como sentidos estão se movendo frente ao acontecimento da pandemia e como isso afeta o processo de individuação dos sujeitos (de dados) em sua relação com o digital. Isolados ou distanciados, física ou socialmente, os sujeitos se significam e são significados pelos discursos (jornalísticos) que circulam no digital.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- FOLHA cresce e lidera circulação entre jornais do país em 2019. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21, janeiro, 2020.
- HUARCAYA-VICTORIA, J. Consideraciones sobre la salud mental en la pandemia de COVID-19. **Rev Peru Med Exp Salud Publica**. 2020; pp. 327-334.
- INDURSKY, F. LULA LÁ: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO. **ORGANON** - Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 17, n. 35, 2003.
- MAVROUDEAS, S. D. A pandemia de coronavírus e a crise econômica e da saúde. In: Covid-19, Capitalismo e Crise: bibliografia comentada. **LEICC/Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, junho de 2020.
- ORLANDI, E. P. Discurso e Argumentação: um observatório do político. In: **Fórum Linguístico**, n. 1, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editora, 2008.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Ed. Vozes. 1996.
- ORLANDI, E. P. **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense. 2007.
- ORLANDI, E. P. (Org). **Tralha e Troços**: o Flagrante Urbano. In: **Cidade atravessada**. Os sentidos públicos no espaço urbano. Campina: Pontes, 2001^a, p. 9-24.
- ORLANDI, E. P.. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. 2020. (1h55m08s). Disponível em: <https://encurtador.com.br/lvR24>. Acesso em: 28 maio 2020.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução por Eni P. Orlandi. 7a edição, Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.], 3a ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- SCHWAAB, R.; ZAMIN, A. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 13, n. 01, jan./jun. 2014.

SILVA, P. WEBSITES DE NOTÍCIAS CRESCEM ACIMA DE 40% DE 15 A 21 DE MARÇO. 2020. Disponível em: <https://ivcbrasil.org.br/#/blog>. Acesso em 02 jul. 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Arquivo Jurídico e Exterioridade. A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, E.; PAULA, M. R. B. de. **Memória e sentido**. Santa Maria, UFSM/PONTES, 2005, p.93-116.

Jornais

ABRAMCZYK, J. Hospitais vão usar o código de barras. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 nov. 1995. Disponível em: <https://encurtador.com.br/pKMTW>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ALONSO, L. Com explicação técnica, Merkel compara situação do coronavírus a 'gelo fino'. FSP, S. P., 16 abr. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jIPRT>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ANTUNES, C. Falta um plano para lidar com Hamas. FSP, São Paulo, 28 dez. 2008. Disponível em: <https://encurtador.com.br/uDLP2>. Acessado em: 19 jul. 2020.

BONALUME NETO, R. Al Qaeda tem 18 mil terroristas em potencial. FSP, São Paulo, 26 maio 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cdfIR>. Acesso em: 19 jul. 2020.

BONDUKI, N. Fim do isolamento desejado por Bolsonaro será um desastre. FSP, São Paulo, 4 maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dflm8>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BOUER, J. Família deve ficar atenta aos sinais de mudança. FSP, São Paulo, 06 jun. 1994. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jALQW>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CANZIAN, F. Sem testes para o coronavírus, governo pode obrigar população a escolha terrível. FSP, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kyJR5>. Acesso: 20 jul. 2020.

CELULAR na educação: os desafios da pandemia. FSP, São Paulo, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gjqw7>. Acesso em: 23 jul. 2020.

DORIA, J. O maior desafio da história de São Paulo. FSP, São Paulo, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/wzH39>. Acesso em: 23 jul. 2020.

EICHENBERG, F. Um só pecado. FSP, São Paulo, 26 abr. 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jrswU>. Acessado em: 23 jul. 2020.

FLINT, G. 'Clima de prisão' leva criminalidade em Gaza a níveis inéditos, diz ONU. FSP, São Paulo, 02 mar. 2007. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sNWZ3>. Acesso em: 19 jul. 2020.

GENT, E. Quem são os hikikomori, os jovens japoneses que vivem sem sair de seus quartos. FSP, S. P., 7 mar. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/csuz2>. Acesso em: 19 jul. 2020.

HANASHIRO, C. Experiência do México pode ajudar a controlar a gripe suína no Brasil. FSP, S. P., 9 maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/adhjL>. Acesso em: 28 jul. 2020.

HENRIQUES, V. Santinhos virtuais e apoio psicológico ajudam no luto da Covid-19. FSP, São Paulo, 16 maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jpvC0>. Acesso: 24 jul. 2020.

INTERNET pode viciar e se tornar problema psiquiátrico. FSP, São Paulo, 30 dez. 2005. Disponível em: <https://encurtador.com.br/svZ06>. Acesso em: 19 jul. 2020.

LEAL, J. D. Governo mexicano diz que surto da gripe suína começou a diminuir. FSP,, São Paulo, 3 maio 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fAGQW>. Acesso: 28 jul. 2020.

LEÃO, D. Gatos e gente. FSP, São Paulo, 14 set. 2003. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kmW25>. Acesso em: 23 jul. 2020.

LEIA a íntegra do documento do Comando Militar do Leste. FSP, São Paulo, 13 nov. 1994. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kuN25>. Acesso em: 19 jul. 2020.

LEITE, F. Pneumonia asiática. FSP, São Paulo, 08 abr. 2003. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oyCU1>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MARATONA inglória. FSP, São Paulo, 7 maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/moxAL>. Acessado em: 23 jul. 2020.

MENDES, C. H. Entre Higienópolis e Paraisópolis, presunção de inocência torna-se presunção de culpa. FSP, São Paulo, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/csyLU>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MIOTO, R. Cientistas apontam correlação entre mais comércio e menos guerras. FSP, São Paulo, 16 dez. 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cglmH>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MODELLI, L. De sentimento a sintoma, pesquisadora traça mudanças do conceito de solidão. FSP, S. P., 12 maio 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/lKU67>. Acesso: 19 jul. 2020.

MORATH, E.; HILSENATH, J.; CHANEY, S. Pedidos de seguro-desemprego chegam ao recorde de 3,28 mi nos EUA. FSP, São Paulo, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/etwLZ>. Acesso em: 29 jul. 2020.

NARCIZO, B.; MARTÍNEZ-VARGAS, I. Empresas brasileiras já encomendaram 30 milhões de testes de Covid-19 para retomar atividades. FSP, São Paulo, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/BEYZ6>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PINTO, A. E. S. Quarentenas ainda não foram suficientes para conter coronavírus no Brasil, indica estudo. FSP, São Paulo, 8 maio 2020a. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cwxOW>. Acesso em: 23 jul. 2020.

PINTO, A. E. S. Escolas vão reabrir em ao menos 8 países europeus, com distanciamento entre alunos. FSP, São Paulo, 21 abr. 2020b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/KTVX8>. Acesso em: 23 jul. 2020.

PINTO, A. E. S. Separados pelo coronavírus na reta final da gravidez, brasileiro e equatoriana se reencontram. FSP, São Paulo, 18 maio 2020c. Disponível em: <https://encurtador.com.br/tNPQ3>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PINTO, A. E. S. OMS recomenda novo prazo de isolamento, de ao menos dez dias, em casos de novo coronavírus. FSP, São Paulo, 5 jun, 2020d. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gvB34>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PINTO, A. E. S. Assintomático transmite coronavírus e, sem teste e rastreamento, quarentena é necessária, diz OMS. FSP, São Paulo, 9 jun. 2020e. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bfyTX>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RODRIGUES, B. Conheça protocolos médicos de países e ligas para volta dos esportes. FSP, São Paulo., 29 abr. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cCFM6>. Acesso: 23 jul. 2020.

SAIBA por que especialistas aconselham a retirar a TV do quarto. Folha de São Paulo, 13 maio 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cjGV0>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SROUGI, M. Coronavírus no Brasil: a pandemia e os pandemônios. FSP, São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ITX05>. Acesso em: 29 de jul. 2020.

TEIXEIRA, R. R.; JUNIOR, I. F. Incentivar o isolamento social significa valorizar a vida, a saúde e o respeito. FSP, São Paulo, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fjqAZ>. Acesso em: 29 jul. 2020.

VELOSO, L. Em casas de um cômodo só em SP, isolamento é impraticável. FSP, São Paulo, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/8cQj3>. Acesso em: 20 jul. 2020.

VOLPATO, L. Vício em celular pode ser comparado ao vício em drogas; especialistas dão dicas para desapegar. FSP, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/3GLIL>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Recebido em: 31 /07/2020

Aceite em: 13/10/2020